

HISTÓRIA POLÍTICA EM MAQUIAVEL

ISTORE FIORENTINE

Alcides Borges Neto¹

Resumo: Dentre todas as suas obras, sem dúvidas a História de Florença é a mais emblemática de Maquiavel. Pois não só fornece elementos capazes de mostrar que a sua reflexão discorre apenas de modo simples e linear, mas por meio de uma elaboração dos fatos e acontecimentos, recorrendo freqüentemente a exemplos do passado, visto que sua referência maior era Roma. Como ponto de partida, inicia consultando seus antecessores dos quais ele denomina como excelentíssimos historiadores messer *Linardo d'Árezzo* e messer *Poggio Bracciolini*, porém, o que ele encontra ao ler os escritos sobre a história da cidade, é que se tratava na verdade de uma exaltação e louvor da família *Medicci*, objetivando não uma história da república, mas uma narrativa de feitos da família que encomendou este trabalho. Outro ponto importante que o próprio Maquiavel apresenta em sua obra, é que sua intenção era encontrar nos autores anteriores uma seqüência e uma ordem, mas se – verificou que eles foram diligentes na descrição de guerras levadas pelos florentinos, externas e principalmente os diversos conflitos internos acontecidas na cidade, sendo sua intenção fornecer aos leitores, uma diversificação dos fatos e acontecimentos. A incumbência de escrever a história de Florença partia da concepção que de acordo com a historiografia humanista, era necessário trazer a luz um detalhamento das guerras e batalhas e uma compreensão clara das discórdias civis na história e os fatos comprobatórios para compor a história.

Palavras – chave: Maquiavel. História. Conflitos. Roma.

Abstract: Among all his works, no doubt the history of Florence is the most emblematic of Machiavelli. It not only provides elements able to show that its reflection discusses simple and linear mode only, but through an elaboration of facts and events, often using the examples of the past, as its main reference was Rome. As a starting point, start by consulting their predecessors of whom he calls Excellencies historians Messer linardo d'Árezzo and Messer Poggio Bracciolini, however, what he finds to read the writings on the history of the city, is that it was actually a exaltation and praise of Medicci family, not aiming at a history of the republic, but a narrative made of the family who commissioned this work. Another important point that Machiavelli himself shows in his work, is that his intention was to find in previous authors a sequence and an order, but if - found that they were diligent in the description of war taken by the Florentines, external and especially the various internal conflicts taken place in the city, and its intention to provide readers with a diversification of facts and events. The task of writing the history of Florence started from the conception according to the humanist historiography, it was necessary to bring forth a breakdown of wars and battles and a clear understanding of civil strife in history and the supporting facts to compose the story.

Keywords: Machiavelli. History. Conflict. Rome.

1. Introdução

¹ É mestrando como aluno especial do departamento de filosofia da universidade de São Paulo – USP. referência, 2º semestre/ 2015. e-mail: alcidez_cidao@hotmail.com

Algo comum para historiadores na época de *Nicolau Maquiavel*² (1469-1527) consistia na liberdade e autonomia para narrar à história, igualmente como na cidade de Florença³. Estes, de certo modo, eram vestidos de honra e louvor, pois esta incumbência ficava para os ocupantes da primeira chancelaria florentina, fato esse reconhecido de privilégio e grande valor cívico. Mesmo na antiguidade, além da finalidade básica e didática na elaboração da *Istoria Fiorentina*, (História de Florença), era como função fundamental não apenas de relatar e instruir seus leitores, mas fornecer elementos do passado que poderiam ser útil para o bem comum das cidades, cuja intenção consistia em tirar lições e experiências do passado, para sua aplicação no presente.

De acordo com Cabral⁴, Maquiavel apresenta uma concepção de história cíclica uma que os governos sempre se degeneravam: da monarquia à tirania, desta à oligarquia e à aristocracia, que, por sua vez, recaíam na democracia que, enfim, só terá solução com um ditador. Isso acontece (e se repete) porque os seres humanos têm uma essência universal: é o desejo de poder e os vícios a que são acometidos os homens (governantes e seus sucessores) que fazem com que o governo se degenera.

Uma diferença clara dos escritos de *Maquiavel* está no fato que não se verifica de acordo com as narrativas, acontecimentos e fatos modernos, o que em consenso geral, outros escreviam sobre os acontecimentos no máximo de um passado próximo, mas o que acontece

² Nicolau Maquiavel (1469-1527), Teórico político e teatrólogo florentino. Após uma adequada educação humanista, Maquiavel ingressou na burocracia do governo republicano em 1498, sendo o principal empregado como secretário dos dez de guerra, a comissão responsável pela condução dos negócios militares e diplomáticos. Esse contato diário com os negócios do estado, complementando por missões que o levaram às cortes de alguns dos principais protagonistas dos eventos políticos desses anos (Luis XII, Maximiliano I, Júlio II, César Bórgia), foi abruptamente suspenso com sua demissão em 1512, quando do restabelecimento do controle dos Medícci sobre Florença. Seus trabalhos mais conhecidos são; O príncipe (1513); Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio (1513); Mandrágora (1518); A arte da guerra (1519- 1520); História de Florença (1520 – 1525). A energia de seus escritos políticos era alimentada por certas convicções apaixonadamente defendidas; que sua própria experiência o qualifica como um mestre; que a natureza inalterável dos homens e a repetição de situações políticas e estratégias significam que o presente podia e devia aprender do passado. (HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: 1988, RJ, p. 187- 188).

³ A partir do século XII, a comuna independente ampliaria sistematicamente seu controle sobre os latifundiários da nobreza e do clero que dominavam o interior; agora, ricos mercadores estavam começando a adquirir terras e a construir ai sua villas. De 1282 em diante, o elemento baronial dentro da própria cidade tinha sido politicamente castrado; só os membros das guildas, banqueiros, mercadores, fabricantes etc. Fortalecido por nova legislação antigamente em 1293 (as ordenações de justiça), o governo da cidade era exercido pelos criadores de sua riqueza. Suas vendetas particulares podiam fazer com que a vida cívica mais parecesse guerra civil. Dentre elas, cito a dos Guelfos (Negros) mais irredutíveis em seu apoio do papado, sobre os brancos, mais liberais. Florença estava exposta às crises externas que surgiram quando os imperadores ou levavam exércitos à Itália ou encorajavam seu adeptos a hostilizar seus vizinhos guelfos. (HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: 1988, RJ, p. 147- 149).

⁴ CABRAL, João Francisco Pereira. "*Maquiavel e seu pensamento político*"; *Brasil Escola*.

nesta na *Istore Fiorentina* (1520-1525)⁵, é que ele decide buscar os fatos e os acontecimentos decorridos no passado, para fundamentar seu trabalho e dar melhor compreensão dos acontecimentos ao seu leitor.

Um ponto importante na obra *Istore Fiorentina* e o que a diferencia dos demais escritos até então, está no fato de que, ao contrário dos historiadores, sua motivação não partiu de sua própria escolha, mas sim, como uma encomenda dos *Medicci*⁶, ficando claro uma ruptura com a tradição florentina, uma vez que ele tinha apenas vinte e três anos de idade e levaria pelo menos seis anos para ingressar na vida pública, conforme veremos abaixo;

era sobretudo a honra. Haviam sido historiadores da República florentina no passado, Leonardo *Arentino*, *Poggio*, *Scala*, todos os homens de valores, todos primeiros chanceleres da Signoria, e quase lhe parecia ter-se tornado também chanceler, ou ter encontrado o caminho do retorno⁷.

No que diz respeito a escrever a história, não se pode negar o fato que todo historiador tinha por missão imitar ou usar a metodologia adotada por mestres que o antecedem. Portanto, recorrer ao passado era inevitável uma vez que se pretendia levar o leitor a conhecer algo sobre a vida moral, além das épocas passadas, como fatos e acontecimentos, que em síntese representava a oportunidade para se tirar lições, com sua aplicação no presente.

Portanto, de acordo com a Aronovich⁸, do ponto de vista do conteúdo, os eventos políticos-militares são temas históricos por excelência, o que inclui a narração das batalhas, mas também os discursos dos comandantes a seus homens, as alianças e a ilustração dos costumes e principalmente do principado. É importante salientar, que ao trazer a luz os eventos ocorridos na cidade, torna-se possível analisar as prováveis causas, consequências, deslocamento geográfico e acontecimentos ocorridos na cidade florentina e em toda Itália, de acordo com a intenção do autor.

2. Influência do medievo na historiografia italiana

⁵ MAQUIAVEL, Nicolau. História de Florença. Tradução MF. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁶ Os Medicci, começaram a chegar em Florença como imigrantes do vizinho vale do Mugello no século XIII, só se tornando solidamente identificados com influência política e grande fortuna durante a vida de Giovanni de Bicci (1360 – 1429). Foi seu filho Cosimo quem, a partir de 1434, se tornou a figura principal da cidade, um papel intensificado pelo filho de Cosimo, Piero, e pelo neto, Lorenzo. (HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: RJ, 1981, p. 228-229).

⁷ Ridolfi, R. *Vita di Niccolò Machiavelli*, p. 275.

⁸ RANOVICH, P. *História e Política em Maquiavel*, p.133.

Um ponto importante e necessário antes de seguirmos, se faz pela apropriação de diferenciarmos a história das crônicas, utilizada na idade média. A definição das crônicas, conforme sugere *Petrarca*⁹ (1304 – 1374), passou a ter um senso organizador de perspectiva temporal. O que se sabe, é que a partir desta nova forma de escrever a história, nasceu uma sensibilidade para o anacronismo, que trabalha com a aplicação da consciência crescente de que o passado tinha seu próprio modo, o qual não podia ser confundido com o do presente¹⁰.

Com um sentido de tempo concentrado e desmistificado, a historiografia foi dotada de uma postura crítica que pôde distingui-la da crônica medieval, a qual, apesar de todo o seu fascínio em personalidades e eventos, viu-se umas e outros como barro nas mãos do modelador divino. Por meio da história, pretendia-se chegar a elementos mais úteis, embora os historiadores modernos acatem primordialmente historiadores pós-petrarquianos como *Bruni Bracciolini*, *Portanto e Bembo*, cronistas, momento *Villani e Sanuto*, é que são usados, e os homens que combinaram ou uma coisa-após-outra do cronista com a interpretação refletida do historiador – *Cório, Maquiavel, Guicciardini, Paruta*, são os que leem tanto para prazer quanto para se obter informação.

Em meados do século XV, três tinham sido estabelecidos: *Julio César*, como modelo para escrever sobre a história recente ou contemporânea; *Salústio* para a história de campanhas; e Tito Lívio para narrar às instituições. Segundo *Hale*¹¹, neste período ficou estabelecido, com base em autores clássicos (principalmente Cícero), que o estilo do historiador devia ser moldado de tal modo, com a ajuda de recursos literários como as interpolações do autor e discursos imaginários, que tivesse um efeito educativo positivo sobre o leitor, a fim de encorajar a seguir o exemplo dos sábios e a rechaçar o de homens maléficos, e a perceber a importância do passado para as questões presentes.

Ainda nesta perspectiva, o autor salienta que embora o preceito clássico também enfatizasse que o historiador, ao contrário do cronista, tinha de explicar não só o que foi feito e dito, mas também como e por que, o impulso para aperfeiçoar a crônica analisando o que causara ações e eventos foi largamente neutralizado por um novo subjetivismo na escolha e apresentação do material. Esta visão fica expressamente clara do seguinte modo;

⁹ Francesco Petrarca, nasceu em Arezzo, filho de um notário florentino banido pelos guelfos negros. Petrarca se inseriu no humanismo nascente da corte papal e já com 20 e poucos anos se empenhava nos estudos e revisão de textos antigos, sobre tudo Tito Lívio, embora estudasse também os poetas e, em certa medida, os Padres da Igreja.

¹⁰ (HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: RJ, 1981, p. 186-187).

¹¹ (HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: RJ, 1981, p.186)

assim, no próprio momento em que a necessidade de registrar o que estava acontecendo em diários, memórias de família, biografias e crônicas civis, nunca fora tão premente, a história recentemente reinventada colocou a interpretação à frente do registro e, ao pôr a moda em primeiro lugar, acabou sendo apanhada inadvertidamente pelo mesmo sentido de tempo cuja natureza tinha reconsiderado¹².

A narrativa dos cronistas comportava uma reunião indistinta de eventos: *econômicos, políticos, militares, astrológicos e meteorológicos*. Os propósitos dos cronistas eram moral ou de entretenimento, não se preocupando com a distinção entre o fato e lenda, assim como com as relações causais. Mas segundo a autora, o modelo historiográfico que foi desenvolvido no Renascimento retoma, tanto no conteúdo como na forma, os padrões estabelecidos na antiguidade, afirma Aranovich¹³.

Portanto, a crônica não é história, mas contribuiu consideravelmente para ascensão da história no século XV, fornecendo material para história, servindo-lhe como fonte de informação, como antecipando certos aspectos de sua forma e estilo. Dentre elas, sendo a de maior valia, estava na forma de fornecer as seguintes teses: o orgulho cívico florentino ou apologia de facções florentinas e a recente ascensão de Florença no contexto histórico mais amplo¹⁴.

3. Historiografia em Maquiavel

Para Maquiavel, estava clara a necessidade de trazer à luz as coisas feitas pelo povo florentino, esboçando os fatos a partir de uma concepção clara e lógica dos fatos que inicialmente detinha o período de 1434 da era cristã¹⁵, época em que a Família *Medicci* tinha mais autoridade na cidade florentina do qualquer outra. A *istore fiorentine*, foi estendida até quase toda a existência da cidade, desde a sua fundação até 1492, mas a maior parte da narrativa concentra-se no século XV.

No proêmio do livro I, *Maquiavel* introduz ao seu leitor, que depois de ler diligentemente os escritos de messer¹⁶ *Lionardo d'Árezzo* (1370 – 1444) e messer *Poggio*

¹² HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: RJ, p.187

¹³ ARANOVICH, P. *História e Política em Maquiavel*, p.147.

¹⁴ COCHRANE, E. Op. Cit., Livro I.

¹⁵ Os cristãos inventaram a história eclesiástica e a biografia dos santos, mas não tentaram cristianizar a usual história política; e eles influenciaram a biografia usual menos que esperaríamos. Uma reinterpretação da história usual militar, política ou diplomática em termos cristãos, não foi realizada e nem mesmo tenta (Momigliano, A. Pagan and Christian Historiography in the Fourth century A.D. 1963, p. 88- 89).

¹⁶ Título honorífico outrora atribuído a juristas, juízes e outras personalidades.

Bracciolini (1380 – 1459), descobriu que estes foram muitíssimos diligentes na descrição dos fatos e acontecimentos até então da cidade florentina;

isso porque me parecia que messer *Linardo d'Árezzo* e messer *Poggio*, dois excelentes historiadores, já haviam narrado, com particularidade, todas as coisas sucedidas até aquele ano. Mas, depois de ler diligentemente seus escritos, para ver com que ordem e de que modo procediam, a fim de que, imitando-os, nossa história recebesse melhor aprovação dos leitores, percebi que foram muitíssimos diligentes na descrição das guerras travadas pelos florentinos contra príncipes e os povos estrangeiros, mas que, no que se refere às discórdias civis e às inimizades internas, bem como os seus efeitos, eles calaram de toda uma parte e despreveram a outra com tanta brevidade que nela os leitores não podem encontrar utilidade nem prazer algum¹⁷.

No geral, a *Istorie Fiorentine*, pode ser dividida em três partes: os primeiros dois livros fazem uma síntese da idade média florentina e italiana, os livros três e quatro expõem a longa crise de hegemonia da camada dirigente de Florença, e os demais tratam da era dos *Medicci*'s. Eram figuras importantes como representantes da historiografia humanista, Cícero e Tito Lívio eram modelos na forma e maneira narrativa de contar os fatos, como tudo o que se poderia apreender com eles, daí a justificativa da colocação inicial que Maquiavel, recorre aos historiadores do passado para desenvolver seu trabalho.

Maquiavel é denominado como um pensador da ação política, por que em todas as suas obras, percebe-se sua motivação de exprimir os fatos e os acontecimentos históricos a partir das ações dos indivíduos, como por exemplo, no livro *O príncipe*, ele relata a ação principesca no aspecto intencional dos governantes, como ambição, interesse e aclamação pública, como na *Istorie Fiorentine*, onde ele evidencia a ação motivadora dos conflitos e intensas discórdias, ocorrida por meio do povo de modo geral.

Segundo Ames¹⁸, a ação que Maquiavel tem em vista não é a instrumental, como a ação técnica que transforma a natureza, e sim a ação estratégica: ação que se dirige a outros homens que, como atores políticos, pode oferecer resistência ou cooperar com a ação proposta. Esta ação é o contingente e o incerto por excelência, pois se defronta com a *fortuna*: o imprevisível e aleatório que interfere no bom êxito das ações. Onde objetivo final está em encontrar desde dentro da própria ação alguma lógica, alguma maneira de levá-la a bom termo com procedimentos empiricamente eficazes e possíveis viáveis.

¹⁷ *História de Florença*. Proêmio, p. 7.

¹⁸ SALATINI, R e Del ROIO, M. *Reflexões Sobre Maquiavel*. Cultura Acadêmica, 2014, Marília . p. 89.

No discorrer sobre a história, *Maquiavel* é categórico ao apontar a necessidade de abordar o contexto detalhado dos acontecimentos, uma vez que só assim seus leitores terão uma visão completa da verdadeira história que, com elementos comprobatórios e verídicos, se pudesse conhecer melhor a cidade, atendendo a uma expectativa, que a meu ver parece indicar que *Maquiavel* sugere ser intrínseco nos indivíduos, pois o desejo de compreensão dos fatos é inevitável, concebido da própria dominação como “história”, que nosso autor apresenta uma insatisfação a cerca dos príncipes e governantes, pois estes não recorriam história, o que justifica a necessidade que ele tem de buscar o verdadeiro sentido da história, extraindo os fatos para conhecer suas causas, como motor das ações políticas.

Maquiavel não exalta o renascimento da antiguidade em Florença nem faz o elogio da cidade; ao contrário, nela o autor florentino lamenta a perda do estado republicano e o acaso da liberdade, usando a *istorie fiorentine* para narrar o declínio, ruína e corrupção na cidade¹⁹.

Cabe salientar, que no estilo de escrita do *Bruni Bracciolini* apesar de ter omitido informações a cerca dos conflitos e divisões internas na cidade florentina, é importante apontar que ele foi o propulsor dos laços entre a filosofia política e história, ficaram evidentes e abriram a via que iria se desenvolver justamente com *Maquiavel* na *Istore Fiorentina*, é o que afirma Bignotto²⁰. Portanto, é inegável a contribuição na historiografia italiana, quando este era visto como, como aquele que trazia a história a seu próprio tempo, com estilo humanista.

A ação de consultar *Bruni*, antes de iniciar seu trabalho entendia justamente esta influência histórica, comum nos escritos e nas obras de seu antecessor. Para ele, estava clara, a necessidade de somar e enriquecer seu trabalho, com lições práticas do seu objetivo do presente, que em historiadores renomados e tidos como homens de grande *virtú*, poder-se-ia encontrar uma utilização pública na aplicabilidade do presente, por meios dos fatos do passado.

De acordo com o próprio *Maquiavel*, tanto na ordenação das repúblicas, como na manutenção dos estados, nos governos dos reinos, na ordenação das milícias, na condução da guerra, no julgamento dos súditos e na ampliação dos impérios, não se vê príncipe ou república que recorra aos exemplos dos antigos. Ele coloca ainda que sua intenção era afastar os homens desse erro, pois afirma que das coisas que ele tem conhecimento, ou seja, das

¹⁹ *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Introdução.

²⁰ Revista USP, São Paulo (29), Março/ Maio 1966, p. 186.

coisas antigas e modernas, sua intenção é que aos que lerem seus escritos, possam retirar delas mais utilidades pela qual se deva procurar o conhecimento das histórias²¹.

Florença havia passado por muitas transformações, que acabaram por destruir suas instituições originais e sua face verdadeiramente republicana, remetendo a um questionamento que percorria suas obras, se era possível reformar um regime corrompido. O projeto maquiaveliano era, assim como o de muitos de sua geração, o de reencontrar o vigor inicial, que se acreditava ter existido nos primeiros tempos da república, e devolver à sua cidade natal o esplendor de um regime que vivia uma longa agonia desde o dia em que as antigas instituições republicanas foram desmanteladas pela política agressiva da casa dos *Médicis*²².

Na concepção de Maquiavel, mesmo diante da constatação de que se trata de regime vulnerável, a república é para ele o melhor regime, entendido como governo que visa o bem comum, reprimindo ambição de grupos e interesses particulares, elevando assim a potencia do Estado e apenas nas repúblicas se pode perceber o bem público, e aqui muitas vezes nosso autor introduz uma visão universalista como bem comum²³.

Concernente a isso, podemos analisar o escrito de *Maquiavel Vida de Castruccio*²⁴, que é tido como ensaio para comprovar as habilidades do autor como historiador, ficando claro que neste ele deveria demonstrar os conhecimentos dos padrões humanistas, sendo um meio de requisito que o habilitaria receber a encomenda, como uma formulação autentica e da verdadeira história, que respeitasse os padrões humanistas.

A *Istore Fiorentina* é tida como uma história cíclica, pois não segue criteriosamente uma sequência cronológica ou acontecimentos externos, visto como grande *virtú*²⁵, o que assim seguiam. Neste período, o modelo historiográfico, que consistia em retornar as origens dos padrões utilizados na antiguidade que basicamente, era a arte de escrever a história,

²¹ *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Livro I, próêmio, p. 6-7.

²² *Ibidem*. Livro I, 2.p. Introdução.

²³ *Ibidem*. *Lívio*. Livro I, 2.p. 12.

²⁴ Trata-se da bibliografia da Vida de Castruccio Castracani, que inicia com o nascimento, breves relatos e aspectos que apontam suas qualidades na juventude, as habilidades que este teve na fase adulta como no governo de Lucca, apontando principalmente, as ações políticas eternas e na guerra, ainda que sem a inclusão de discursos, constando da descrição detalhada das batalhas e da sua capacidade tática. (ARANOVICH, P. *História e Política em Maquiavel*, p.147).

²⁵ O termo *virtú* é habitualmente associado à figura do Príncipe, mas as qualidades que possibilitam a realização de ações virtuosas podem também ser encontradas em vários outros agentes, como o povo, a nação, o exército etc. Mas afasta o sentido do termo de toda e qualquer conexão necessária com as virtudes cardeais e principescas. SKINNER, Quentin. *Maquiavel*. Tradução de Maria Lúcia Montes. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 65.

própria dos *studia humanitatis*²⁶ (estudos humanistas), deixando de lado as formas cronistas utilizadas pelos cristãos medievais, quando se referiam à história eclesiástica e a bibliografia dos santos, sendo esta retomada particularmente em Florença, mas visto nas demais cidades italianas.

Portanto, é possível identificar que na *Istorie Fiorentine* existe um caráter universal no que diz respeito a sua maneira de escrever a história, por que *Maquiavel* aponta de forma recorrente em seus textos, para uma discussão política, sempre com ideal universal. Seu contraponto é a história de um príncipe e de seus descendentes. Ele apresenta a história da cidade florentina no modo republicano, como uma “história universal”, e entremear a esta história uma ou outra, a “história principesca”, quando estão em questão os *Medicci*, que parece ser o modo escolhido para resolver o conflito entre estes dois estados diferente de Florença, afirma Aranovich²⁷.

Fica clara apreensão que o autor *Maquiavel* tinha ao iniciar a encomenda, uma vez que a encomenda fora dirigida pelos próprios personagens, a família *Medecci* estava no poder, e falar da *Istorie Fiorentine*, pressupunha em detalhar e colocar em evidência os feitos desta família. Ao narrar os tumultos, deserção, tramas, exílio e resistência ao poder, implicariam diretamente num ataque direto aos mesmos, ou seja, como escrever sem denegrir a imagem e fazer jus o trabalho que lhe foi confiado? Para muitos comentadores, a forma foi estabelecer uma história universal, contrariando a tradição pessoal e geral de escrita, porém sem negar o que é imprescindível na história, criar um plano de fundo por meio dos fatos e acontecimentos verídicos, que levará o autor a uma compreensão detalhada da história.

É importante salientar que a expressão “*universali istorie*” não pode, neste caso, dizer respeito à ideia de história universal nem no sentido de uma narrativa desde a criação, nem no de uma história que abrange todos os povos.

²⁶ O Humanismo é o termo usado no século XIX para descrever o programa de estudos, e seu condicionamento de pensamento e expressão, que era conhecido desde o final do século XV como província do *humanista*, o professor *dos studia humanitatis* ou roteiro de estudos das artes liberais em escolas e universidades. Isso passou então a incluir o estudo de latim e em muito menor medida o grego, textos que tratavam de gramática, retórica, história, poesia e filosofia moral. Tal programa era secular, preocupando com o homem, sua natureza e seus dons, mas o humanismo renascentista deve manter-se isento de qualquer sugestão de “humanitarismo” ou “humanismo” em sua moderna acepção de um enfoque racional e não religioso da vida. Formulações recentes enfatizam o tema de importância: “humanismo cívico”, o papel de autores como Cícero no encorajamento do indivíduo a participar no governo; “teoria educacional humanista artístico”, adaptação das formas clássicas, “humanismo científico” a reabilitação de textos antigos, especialmente os gregos, como guias, “humanismo utilitário”, como um convite para copiar, como nas questões militares ou agrícolas, métodos que pudessem ajudar no presente, (HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: RJ, p. 187- 188).

²⁷ ARANOVICH, P. *História e Política em Maquiavel*, p. 160.

O que Maquiavel faz é desculpar-se por interromper o modelo histórico que seguia até então, em uma narrativa circunscrita à história da cidade de Florença a partir de sua origem, de acordo com Aranovich²⁸. Ainda nesta perspectiva, a autora apresenta uma visão dual do contrapondo que estabelece a maneira que o autor usa para escrever a história da cidade, que pode ser entendida da seguinte forma;

o sentido de “*universali*” pode ser encontrado em outras passagens da história de Florença e de suas outras obras, sempre significando o geral, em oposição ao particular. Existe ainda outra ocorrência da expressão, no segundo livro, em que é oposta a história da cidade de Florença, que ele está narrando, à história universal que estava no primeiro livro, no caso um resumo da história italiana. O termo universal pode ser compreendido neste caso, mais uma vez, como uma passagem do particular para o geral. A oposição entre o modelo de história de “vida de príncipe” e de que narra à vida de um grande indivíduo e a que narra à história geral de uma cidade, com os acontecimentos concernentes a todos os membros desta cidade²⁹.

Maquiavel, contrariamente à opinião destes ilustres historiadores, é do entendimento de que são precisamente as “dissensões” universais de Florença que devem ser postas no centro da reflexão, é o que defende Ames³⁰. A maneira como autor maquiaveliano entende a história é por meio da narrativa dos fatos e acontecimentos que de certo modo, geraram muita discórdia e conflitos na cidade florentina. Por isso, para ele é extremamente importante trazer a luz os acontecimentos verdadeiros da cidade, como cito o autor florentino;

duas razões são essas que seja dito em boa paz me parecem de todo indignas de grandes homens; porque, na história, se alguma coisa há que deite ou ensine, é a descrição em particularidade, e, se alguma lição há que seja útil aos cidadãos que os governam republicas, é aquela que demonstra os motivos dos ódios e das divisões das cidades, para que, diante do perigo em que incorrem outros, eles possam ganhar sabedoria e manter-se unidos. E, se todo e qualquer exemplo de república comove, muito mais comovem e são úteis aqueles que lemos de nossa própria república, e, se houve republicas das quais se tem alguma notícia contentou-se com uma divisão, em razão da qual, segundo os acontecimentos, ora cresceram, ora declinaram, mas Florença, não contente com uma, criou muitas³¹.

Por tanto, é importante a partir de agora, trabalhar os pontos que segundo *Maquiavel* considera ser de extrema importância ao contar a história, trazendo a razão dos acontecimentos, dando vida a narrativa, por meio de personagens e discursos introduzidos na *Istoria Fiorentina*, como meio de situar, criar credibilidade que é próprio da história.

²⁸ ARANOVICH, P. *História e Política em Maquiavel*, p. 161.

²⁹ *Ibidem*. p. 161 – 162.

³⁰ KRITERION, Belo Horizonte, n° 129, Jun./2014, p. 267.

³¹ História de Florença, Proêmio, Livro I p. 8.

4. História e ação política

Na concepção republicana de Maquiavel, foram os conflitos que geram tamanha desordem, e que fez com que Florença perdesse de vista o ideário de governo republicano, que na visão do nosso autor, seria esta a melhor maneira de governar uma cidade, por ter um modelo mais razoável, visando geralmente os interesses mútuos de seus cidadãos. Em cada um dos proêmios ou livros introdutórios, *Maquiavel* propõe tratar dos acontecimentos internos, ocorridos dentro da cidade, das quais ele estabelece as seguintes razões na *Istorie Fiorentine*:

as graves e naturais inimizades que há entre os homens do povo e os nobres, causadas pela vontade que estes têm de comandar e aqueles de não obedecer, são as razões das cidades por essa diversidade de humores alimentam-se todas as outras coisas perturbam as repúblicas. Foi o que manteve Roma desunida; é também – se for lícito comparar coisas pequenas a coisas grandes – o que manteve Florença dividida³².

O conceito dos humores³³ é um termo muito utilizado por *Maquiavel* para descrever os interesses e desejos do povo. Este termo é emprestado da medicina hipocrática – (galênica), meio pelo qual surge a variação de desejos. Este termo é aplicado para explicar o desejo dos grandes de comandar; e o desejo do povo de não ser comandado nem oprimido por estes.

Trata-se de uma expressão que apontam para o termo “*dois apetites divergentes*”, se os dois desejos podem se afirmar conjuntamente, sendo até mesmo complementares, já que um não existe sem o outro, eles não podem ser saciados simultaneamente porque a plena realização de um implica a impossibilidade de satisfação do outro: se o desejo dos grandes de dominar é totalmente realizado, o desejo do povo de não ser dominado não pode ser efetivado e vice – versa, é o que aponta Barros³⁴.

Em elucidação do que já foi dito anteriormente, “*as graves e naturais inimizades*”, são comuns em todas as cidades, deste modo podemos perceber que *Maquiavel* tem uma

³² História de Florença, Proêmio, Livro III p. 8.

³³ Hipócrates (460 – 377 a. C) Sua fama como físico que abordou a medicina prática de maneira filosófica suscitou respeitadas referências a ele por Platão e Aristóteles, e era tal que seu nome foi ligado não só os seus próprios escritos, mas também a um *Corpus Hippocraticum* de cerca de 60 tratados sobreviventes. Algumas dessas obras eram conhecidas na Idade Média em traduções latinas; mais textos se tornaram conhecidos no século XV quando, a par de Galeno, Hipócrates se converteu no guia para o estudo da anatomia, fisiologia, medicação, diagnóstico e descrição clínica, e teoria dietética. Sua exposição da teoria dos quatro humores, sendo a doença causada por um desequilíbrio entre eles, exerceu um efeito hipnótico sobre o diagnóstico e a prescrição até o século XVII.

³⁴ BARROS. Cadernos de Ética e Filosofia Política, n°24, p. 22.

visão geral de compreensão a partir da experiência, por meio da reflexão na história, conforme veremos a seguir;

não quero deixar de falar dos tumultos que houve em Roma desde a morte dos Tarquínios até a criação dos tribunos; depois, quero dizer algumas coisas contra opinião de muitos, segundo o qual Roma foi uma república tumultuária e tão cheia de confusão que, se a boa fortuna e a *virtú* militar não tivesse suprido a seus defeitos, ela teria sido inferior a qualquer outra república³⁵.

Embora saibamos, na *Istore Fiorentina*, Maquiavel estabelece dois tipos de conflitos, conhecido historicamente como “Positivo e negativo”, que diz respeito aos grandes no desejo e anseio de comandar, e o do povo de não se submeter e não ter sua liberdade ameaçada. Neste aspecto, ele coloca como natural e intrínseca que corresponde aos *humores* pré-ditos anteriormente.

Maquiavel acusa *Leonardo Bruni*³⁶ de ter faltado com os conflitos internos, quando na verdade sabia que seu predecessor havia se ocupado e muito das disputas internas. Para ele, o que estava em jogo, na verdade, não era o reconhecimento da existência dos conflitos internos, mas a importância conferida a eles³⁷.

Ainda nesta perspectiva, contra o princípio da brevidade expositiva (*brevitas*), que era um dos pilares da história educativa, Calco procurava narrar os fatos de maneira a inseri-los em algo que chamava de “totalidade” dinâmica e que servia de base para compreensão de acontecimentos que, tomados isoladamente, não pareciam ter significado algum, de acordo com o julgamento de Bignotto³⁸.

De acordo com Maquiavel, a natureza deve ser vista como algo que deve ser combatida e retida pelos homens e governos de forma sistemática. De acordo com Aronovich³⁹, a natureza se apresenta como algo que, por si mesmo, pode ser hostil, não

³⁵ Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio. Livro I, 4, p. 21.

³⁶ Leonardo Bruni (1370 – 1444), natural de Arezzo e, por isso era frequentemente chamado de Arentino. Foi à figura central do humanismo florentino durante a primeira metade do século XV. Em louvor do republicanismo e da cultura literária florentinos: teve um papel importante na teoria recente de Hans Baron acerca do desenvolvimento do humanismo político florentino em reação à opressão das despóticas Milão. A partir de 1427 foi chanceler, como Salutati antes dele, ocupando uma posição central sem paralelo na vida política e literária; e, apesar de sua origem humilde tornou-se muito rico e influente. Desde 1415 estava compondo intermitentemente, em latim, uma história do povo florentino, a qual constituiu a primeira obra importante de literatura histórica renascentista. Bruni compôs em 1421 um tratado de milícia, que argumenta a favor da organização de condottieri inconfiáveis. Bruni foi mais destacados estudiosos de grego e um dos primeiros contribuintes para o programa renascentista de tradição grega para o latim.

³⁷ Revista USP, São Paulo (29), Março/Maio 1966, p. 187.

³⁸ *Ibidem*. 1966, p. 185.

³⁹ ARANOVICH, P. *História e Política em Maquiavel*, p. 168.

saneado, não purificado. Por outro lado, quando os lugares são férteis e são, eles tendem a ter uma abundância de habitantes, o que com o tempo leva ao empobrecimento do lugar, pelo excesso daqueles.

As ordenações humanas têm a função de distribuir os habitantes para evitar este excesso e o conseqüente esgotamento. A natureza, portanto, é inerte, sua fertilidade ou sua aridez se apresentam como um fato e dependem da ação refletida dos homens para equilibrar seu uso. Em termos semelhantes, Colombero afirma que, no renascimento, estas graves e naturais inimizadas, podem ser vistas da seguinte maneira;

equilíbrio natureza-homem é predeterminado: ao ser humano resta somente a possibilidade de escolher a forma na qual adequar-se a ele. Equilíbrio predeterminado, todavia, com vantagem do ser humano: os seus privilégios são sempre concedidos e enquadrados em uma situação já estabelecida, mas é um dominador ao qual a natureza se rende automaticamente: não é um dominador que conquista⁴⁰.

Havendo analisado a proposta de história a partir da *Istorie Fiorentine* podemos perceber dentro de um quadro geral a proposta Maquiaveliana ao narrar a história, como por meio de uma análise crítica e política. Para ele, inicia-se a partir dos acontecimentos e dos movimentos da ação são puramente políticas, que recorrendo ao passado com base nos historiadores renomados que imbuídos de apreciação do presente, apenas atestava sua visão a cerca dos fatos.

Conclusão

Concluindo, ao analisarmos a *Istorie Fiorentine*, fica claro a influência dos antigos no seu modo de narrar os fatos. Atribui-se a isso, devido sua formação humanista, característica do seu período, que consistia na elaboração não apenas dos feitos, como a raiz dos problemas da cidade, sem dar a devida relevância na exaltação pública das principais figuras, governos e guerras externas, contrariando seus antecessores que o faziam de forma demasiada. Para isso, *Maquiavel* de modo muito elegante, elabora sua narrativa na forma de juízo, modo que expõem sua convicção cívica e do sonho de um governo republicano, como única forma de acalmar os humores do povo florentino

⁴⁰ COLOMBO, C. Uomo e natura nella filosofia Del Rinascimento. Loescher, 1985, p. 56.

Referências Bibliográficas

AMES.J.L. **Transformações do Significado de Conflito na História de Florença de Maquiavel**. In: Revista UNIOESTE, Belo Horizonte: n° 129, (Jun /2014), <<http://www.usp.br/revistausp/29/27-newton.pdf>> Data de acesso 20/12/2015

ARANOVICH, Patrícia F. **Historia e política em Maquiavel**. São Paulo: Discurso, 2007.

BARROS, Alberto Ribeiro Gonçalves de. **Republicanism Inglês**. Uma teoria da Liberdade. São Paulo. Discurso Editorial, 2015.

BIGNOTTO, N. **Maquiavel Historiador**. In: Revista USP, São Paulo, 29, (1966), Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/29/27-newton.pdf>>. Data do acesso 20/12/ 2015.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Edunb. Brasília, DF. Ed. Universidade de Brasília, 1992.

CABRAL, João Francisco Pereira. **Maquiavel e seu pensamento político; Brasil Escola**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/filosofia/maquiavel-seu-pensamento-politico.htm>>. Acesso em 15 de novembro de 2015.

COLOMBO, C. **Uomo e natura nella filosofia Del Rinascimento**. *Loescher*, 1985.

HALE. John R. **Dicionário do Renascimento Italiano**. Rio de Janeiro: RJ, 1988.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. Trad. s/n. Rev. P.F. Aranovich. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Historia de Florença**. Trad. s/n. Rev. P.F. Aranovich. Sao Paulo: Martins Fontes, 2007.

SALATINI. R & Del ROIO. M. **Reflexões Sobre Maquiavel**. Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2014.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. Trad. R.J.

_____. Quentin. **Maquiavel**. Tradução de Maria Lúcia Montes. São Paulo: Brasiliense, 1988.